

OPINIÃO



Economia Real

Luís Todo Bom

CASA DE FERREIRO...

Em casa de ferreiro, espeto de pau” é um ditado popular que é usado quando se quer dizer que uma pessoa hábil em determinada coisa não usa essa habilidade a seu favor (dicionário informal).

Sempre me interroguei sobre as razões que justificam o facto de a grande maioria dos planos estratégicos das Escolas de Gestão portuguesas apresentarem uma grande fragilidade teórica e aplicacional, com afirmações genéricas sobre as suas grandes opções estratégicas e a sua conversão em programas operacionais.

Este facto assume especial relevância na actual situação competitiva do nosso país e com o aproximar da utilização de ferramentas da Indústria 4.0 nas nossas empresas, que exigirá a adoção, pelas nossas Escolas de Engenharia e de Gestão de estratégias claras de diferenciação de modo a cobrirem todo o nosso universo empresarial.

Os conflitos internos que se verificam em grande número das nossas Universidades — públicas e privadas, estão na origem, na minha opinião, da sua evolução para a situação “stuck in the middle” referida por Porter, tornando-as cada vez mais indiferenciadas e impedindo uma competição sadia entre as várias opções estratégicas que se colocariam aos nossos alunos.

As Universidades mais emblemáticas devem começar a explicitar as suas linhas estratégicas

A minha anterior escola, o ISCTE, onde lecionei durante 30 anos, a disciplina de referência do curso de gestão, “Projeto Empresarial Aplicado”, foi perdendo, gradualmente, o focus de “Saber fazer” que caracterizava os nossos alunos e os tornavam a primeira escola das PME portuguesas, em particular, as mais dinâmicas.

Tenho a esperança que a nova reitora, a professora Maria de Lurdes Rodrigues pacifique e reconcilie a escola, consiga alterar o fluxo de saída e reter os seus melhores talentos, amplie a capacidade física e de investigação do seu *campus* universitário, e, sobretudo, que retome o processo de diferenciação estratégica que sempre a caracterizou.

Desejo-lhe os maiores sucessos neste caminho e no processo de afirmação da escola a que me ligam laços afetivos profundos.

Se as Universidades portuguesas mais prestigiadas e emblemáticas começarem a explicitar as suas linhas estratégicas essenciais, em termos dos seus objetivos de competitividade internacional, as restantes escolas do ensino superior seguirão o seu exemplo e podemos ambicionar vir a ter uma indústria exportadora de ensino e de conhecimento, de excelência, beneficiando das condições naturais em termos de qualidade de vida académica e científica de que o país dispõe.

Gestor de empresas